



BRAIT, BETH (2010). *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: Contexto. 235 pp. ISBN 978-85-7244-489-7.

O livro “Literatura e outras linguagens”, de Beth Brait, têm como objetivo não só o rico entrelaçamento entre a linguagem literária e os estudos da linguagem, mas também a proposição de discussões e reflexões com o intuito de melhor entender a temática abordada na apresentação sobre a maneira como a língua e a literatura se arranjam nas estantes da vida e como promover uma interação que, além de mostrar o prazer da descoberta pela leitura, busca também a inter-relação com o ensino criativo e eficiente da língua. Para melhor encaminhar essa questão, Brait estrutura sua obra em sete partes constituídas cada uma por teoria, análises e depoimentos de poetas, escritores, linguistas e falantes do cotidiano.

O primeiro capítulo, “Língua e literatura: saber e sabor” tem como eixo mostrar a artificialidade existente em discursos que pregam a dicotomia entre língua/literatura, linguagem/vida, uso/criatividade, gramática/estilística, bem como algumas teorias linguísticas que evidenciam a fragilidade dessa concepção dicotômica e a relação de indissolubilidade entre língua e literatura. Dessa forma, busca em Jakobson, que denomina como poeta da linguística, e em Voloshinov a possibilidade de um entrelaçamento, de um diálogo forte e consistente entre linguagem, língua, literatura e vida. E, ao referir-se ao pensamento desenvolvido pelo hoje chamado Círculo bakhtiniano, diz que a relação língua e literatura é uma das articulações fundadoras do pensamento bakhtiniano, uma vez que vê na literatura uma forma de construção da memória de futuro, e também da memória sócio-histórica, pois, de acordo com o pensamento do Círculo “a arte, também, é imanentemente social; o meio social extra-artístico afetando de fora a arte encontra resposta direta e intrínseca dentro dela” (Bakhtin/Voloshinov, s/data, p.2). A autora encerra esta parte com depoimentos dos linguistas Dominique Maingueneau, Carlos Alberto Faraco, Sírio Possenti e Luiz Carlos Travaglia que falam as(suas) relações entre a linguística (o linguista) e a literatura.

Na segunda parte, sob o título “Escritores enfrentam e mostram a língua”, Brait parte da premissa de que embora não seja o único, a literatura é um lugar estratégico para se observar não só as relações entre linguagem cotidiana e criatividade, como constitui uma das formas de trabalho e exploração dos meandros da língua. Assim, por meio de um diálogo estabelecido entre Graciliano Ramos e Guimarães Rosa, busca-se lançar um feixe de luz no embate

existente na relação autor/obra, bem como esses autores constituíram e foram constituídos pela arquitetônica de suas obras. Para fechar o capítulo, a autora traz o depoimento de Roberto Gomes, um escritor brasileiro contemporâneo que conta para o leitor as suas peripécias enquanto aluno de aulas de gramáticas bem como a descoberta da literatura e dos prazeres da literatura.

No terceiro capítulo, intitulado “Língua, literatura e identidades”, a autora aborda a temática explicitada no título e, para isso, tece num primeiro momento uma reflexão acerca da identidade nacional, sua relação com a língua materna e a constituição do sujeito contemporâneo brasileiro; para estabelecer esta relação promove um rico diálogo entre linguistas e escritores. Assim, parte de um texto de Machado de Assis, “Instinto de nacionalidade”, no qual o autor, do seu lugar de escritor, fala sobre as relações entre língua e literatura. Por meio da leitura desses textos é ainda possível identificar o conceito de identidade linguística brasileira do autor e ter uma percepção do posicionamento ideológico de muitos escritores, poetas, romancistas, entre outros. Com o intuito de aquecer a discussão Brait explicita que, para a estudiosa da língua portuguesa Edith Pimentel Pinto, ainda que existam diferenças explícitas entre o português falado no Brasil e o de Portugal, a estrutura da língua, que ela denomina por sistema (rede de oposições funcionais), continua exatamente a mesma. Depois, Brait por meio de textos de Mario de Andrade e Oswald de Andrade, mostra a maneira como a questão da identidade nacional se encontrava entranhada nas discussões dos escritores modernistas brasileiros. A análise seguinte recai sobre duas letras do compositor contemporâneo Zeca Baleiro, nas quais a autora apresenta por meio da presença de vários “estrangeirismos” não só a flexibilidade da língua, mas também as novas constituições ideológicas que permeiam as relações sociais brasileiras. Para se contrapor à fala contemporânea do português no Brasil, Brait recorre a um texto (parte de um projeto de pesquisa sobre idosos) em que é possível verificar a poeticidade e identidade da fala cotidiana brasileira. Nas falas de Luiz Carlos Garcia-Rosa e de Manuel Bandeira, a autora atenta para o fato de como esses dois escritores constroem ou apagam a identidade de um sujeito. Ainda para mostrar essa constituição, traz o texto “Inferno”, de Patrícia Melo, para ressaltar a questão da identidade de alguns escritores brasileiros contemporâneos no que se refere à arquitetônica de algumas obras, com destaque para a presença do espaço urbano brasileiro, a violência e a linguagem utilizada. Caminhando para o desfecho do capítulo, Brait presenteia o leitor com o depoimento da escritora brasileira Mirna Pinsky, que fala sobre a identidade de escritora e também com os depoimentos dos linguistas Francisco da Silva Borba e Dino Preti que evidenciam a importância dos textos literários para os estudos da linguagem.

O quarto capítulo recebe o nome de “Na biblioteca da vida: entrecruzar de língua e literatura”, e se inicia com a discussão sobre a dificuldade de ensinar não somente a língua portuguesa, mas qualquer outra língua, e sobre os modismos que assolam o ensino da língua portuguesa no Brasil que, num primeiro

momento, surgem como fórmulas mágicas que, com o decorrer do tempo, caem fatalmente no ostracismo. Entre as reflexões elencadas pela autora deve-se destacar a chamada de atenção para o reducionismo com que algumas teorias são utilizadas e, como exemplo principal, cita o entendimento equivocada do conceito dos gêneros do discurso de Bakhtin. O objetivo desse capítulo é tratar do entrelaçamento possível e necessário entre gramática e literatura e também passa pela questão da relação ensino-aprendizagem. No texto “O assassino era o escriba” de Paulo Leminski, a autora atenta para o fato de que, se, num primeiro momento, parece uma crítica à sintaxe, depois se revela na verdade, uma homenagem a toda a riqueza da língua materna. Para Brait, a engenhosidade do texto pode ajudar a despertar alunos traumatizados com um ensino regrado de gramática para as muitas possibilidades da língua portuguesa. Já a análise do texto “Jabberwocky”, de Lewis Carrol, na tradução de Augusto de Campos, mostra como a diversificação vocabular e a riqueza do jogo lexical do texto constrói com humor questões de amplitude universal. No texto “Palavra de Poeta”, de Carlos Vogt, Brait mostra as reflexões do “linguistapoeta” cuja finalidade é fazer com que as palavras da vida, da arte e da ciência possam dialogar entre si. Em “O menino que vendia palavras”, de Ignácio de Loyola Brandão, Brait mostra o entrelaçamento entre a palavra e a vida, ao mesmo tempo em que chama a atenção para a formação do sujeito leitor. Na sequência a autora apresenta um depoimento concedido por Brandão que corrobora as reflexões elencadas na análise do texto supracitado. Para encerrar este capítulo, tem-se ainda o depoimento de três grandes pesquisadoras, Maria Helena Moura Neves, Marisa Lajolo e Regina Zilberman, que contam ao leitor suas experiências e vivências no entrecruzado “mundo da gramática e da literatura”.

“Na fronteira dos sentidos” é o título que encabeça o quinto capítulo, em que a autora chama para reflexões sobre a amplitude ideológica das obras literárias e para as questões sobre a construção de sentido; para isso, lança mão de textos e depoimentos que tratam desta temática. Para falar da tênue relação entre os limites da vida e da ficção, faz uma análise da obra “O filho eterno”, de Cristovão Tezza, pois neste texto, vida e arte se entrelaçam sem que o texto seja autobiográfico. Acompanhando a análise, Brait oferece ao leitor um humorado depoimento de Tezza, no qual narra suas aventuras, quando ainda criança, pelos caminhos da gramática e da literatura. Na análise de “Leite Derramado”, de Chico Buarque, Brait mostra como língua, identidade e memória se encontram entrelaçadas, e destaca diversos aspectos ideológicos da obra citada. Depois verifica, especialmente na obra de Milton Hatoun, uma intensa mistura multicultural percebida nos sotaques que marcam a individualidade das várias vozes inseridas em uma coletividade. Já em Bernardo de Carvalho, no texto “Mongólia”, investiga como a prosa literária reflete e refrata as variedades linguísticas, ao mesmo tempo em que constrói narrativas de ficção em que as identidades são constituídas na pluralidade do conjunto. Caminhando para o encerramento do capítulo, Brait, na crônica de Rubem

Fonseca, “Exitus Letalis”, mostra que apenas figuras de linguagem e de estilo não garantem a qualidade estética de um texto, o que é corroborado pela ideia presente no texto de Fonseca. E, para finalizar, apresenta os depoimentos de José Luiz Fiorin e Ingedore Villaça Koch sobre suas respectivas ligações com a literatura.

No sexto capítulo intitulado por “Cantando língua e literatura”, Brait mostra, por meio da análise de canções (lugar em que, para ela, língua e literatura servem de mote), a maneira como linguagem, língua, literatura e música entrelaçam-se e se constituem como esferas de atividades portadoras de várias ideologias que refratam e refletem o discurso oficial e o não-oficial (cotidiano). Imbuída por esta reflexão, analisa canções que, ao apresentarem formas que não são da norma culta, tematizam as várias formas de expressão e classificação social dos falantes. Dessa forma, logo no início, vale-se da canção “Orora anafabeta”, de Gordurinha e Nascimento Gomes, com o intuito de evidenciar essa discussão analisando uma letra que retrata de uma forma bem humorada as questões acima suscitadas. Depois, para falar sobre a reforma ortográfica e a unidade da língua portuguesa entre os países falantes dessa língua, analisa a música “Por quê”, de Caetano Veloso, identificando nela o diálogo entre a arte e as variantes cotidianas da língua portuguesa falada em Portugal e no Brasil, para explicitar a diversidade cultural e de sentidos encontrados em uma mesma língua e, com isso, os distanciamentos e aproximações que “testemunham a pluralidade da língua portuguesa e a maneira como os sujeitos que a falam se constituem como tal e se relacionam com ela” (Brait, 2010:169). Em outro ponto a autora traz, por meio da canção “Capitu”, de Luiz Tatit, não só o diálogo entre obras, mas também entre outros canais de expressão e comunicação como, por exemplo, a internet, tendo como norte o trabalho com a linguagem e com a riqueza da língua portuguesa. No próximo item, que recebe o nome de “Artes com a gramática”, Brait ressalta que, uma vez que a língua é social, a gramática tem por função “descrevê-la e suas particularidades, em sua variedade, nas modalidades oral e escrita” (Brait, 2010:178). Revela ainda que o caráter ditatorial que assola os gramáticos relaciona-se, entre outros motivos, ao uso normativo que se faz das gramáticas e das regras da escrita, “com a luta de poder travada entre as variantes linguísticas que caracterizam todos os estágios de uma língua” (Brait, 2010:178). Analisa a “Gramática”, de Luiz Tatit e Sandra Perez, que traz à tona grande parte dessa discussão, ao mostrar os “usos e abusos” na relação existente entre a gramática normativa e o falante cotidiano. Logo após, Brait, na análise da canção “Nóis é jeca mais é jóia” de Juraildes da Cruz, mostra a construção sógnica sobre o “caipira”, que se apresenta tanto como uma variante linguística como com um tipo brasileiro. Nesta canção, a autora evidencia a maneira irônica e bem humorada de enfrentamento do sujeito caipira frente às contradições a que é submetido. No final desta parte, a autora presenteia o leitor com um depoimento do Ondjaki, um escritor angolano, que conta, por meio de um texto dotado de lirismo, sua paixão pela língua portuguesa com

todas as suas variedades, contradições e possibilidades de construção de sentido e de vida, tanto que a elegeu como material de trabalho.

Na última parte do livro, que recebe o título de *Tramas verbo-visuais da linguagem*, Brait traz essa dimensão da linguagem, que, como possui participação ativa na vida em sociedade, tem como consequência a constituição de sujeitos e identidades. Dessa forma, promove uma discussão que tem como norte textos, que para serem compreendidos em sua totalidade, não podem privilegiar somente a parte verbal e tampouco só a visual. Para tanto, entende a linguagem verbo-visual como uma enunciação, um enunciado concreto que pertence a um projeto discursivo constituído a partir de uma determinada esfera ideológica. De acordo com esse contexto, a autora compreende texto como uma materialidade semiótico-ideológica, encontrada além do discurso verbal (oral ou escrito) pra abarcar o visual, a imagem gráfica também como enunciado concreto. A fim de melhor ilustrar a reflexão acima elencada, Brait cita exemplos de diversas áreas, que contemplam de receitas culinárias a colunas sociais, passando por um romance e dois poemas. Justifica a escolha desse material de análise pela possibilidade de proposição de uma discussão que considere questões como memória, estilo, autoria, entre outros aspectos. A primeira análise recai em “*Delfcias das Sinhas: histórias e receitas culinárias do final do século XIX e início do XX*”, uma obra composta na apresentação por três textos de caráter científico, e dois de outros campos (o que permite um olhar diferente sobre a questão da autoria e do hibridismo da obra), e também por fotos e antigos cadernos caseiros de receitas culinárias escritos à mão, que possuem, uma vez resgatados, a capacidade de tornar audíveis enunciados de uma era passada que revelam sujeitos, identidades e alteridades, ao mesmo tempo em que se tornam também voz constituinte nos seus leitores e despertam suas memórias. Em seguida, apresenta uma análise de um artigo de opinião veiculado no local apropriado para tal gênero, mas que, num primeiro instante, causa um estranhamento no leitor habitual de jornal por ter como título “*Coluna Social*” e ser apresentado da mesma forma com que as notícias da coluna social são veiculadas. Dessa forma, a análise proposta caminha por trilhos que buscam evidenciar como a compreensão de um texto traz consigo a necessidade de um conhecimento que se encontra além das fronteiras do que é usualmente denominado por alfabetização formal. Em outra análise, Brait traz à tona uma discussão, que já vem de longa data, sobre autor e autoria, bem como a questão da ética da recepção em um mundo em que, para se apropriar da ideia alheia, muitas vezes basta um clique, ao mesmo tempo em que mostra essa mesma questão pela ótica das reflexões oriundas de um universo mais amplo como o artístico, o filosófico e o linguístico. Para respaldar essa discussão, Brait recorre ao romance “*O quadro da menina azul*”, de Susan Vreeland. Posteriormente, suscita novas reflexões sobre a linguagem verbo-visual e sobre autoria por meio da análise de um poema de José Paulo Paes que usa a foto de uma placa de trânsito ao lado de uma epígrafe de Demócrito

para construir um texto poético sobre liberdade e opressão. Como finalização, não só do capítulo, mas também do livro, Brait oferece ao leitor uma análise sobre o poema “O autorretrato”, de Mário Quintana, que constrói um texto verbo-visual apenas com a utilização de palavras e, dessa forma, evidencia a flexibilidade e possibilidade de interação não só entre as diversas formas de linguagem, mas também entre os gêneros do discurso.

O livro atende de forma ampla e significativa à temática proposta ao mostrar que é falsa a existência de uma dicotomia entre língua e literatura e faz isso por meio de ricas análises e reflexões nas quais evidencia as múltiplas maneiras de se trabalhar a língua. A relação entre leitura e escrita é abordada e vista sob várias perspectivas nas vozes presentes nos depoimentos. É importante ressaltar que as questões sobre a inter-relação entre linguagem, língua e literatura e as também reflexões sobre a relação ensino/aprendizagem são temas que se encontram perpassados nas pesquisas e estudos realizados pela autora e que podem ser encontradas em outras obras e artigos da referida autora.

A obra em questão representa um estudo sério e relevante ao mesmo tempo em que acena para a possibilidade de novos estudos e entendimentos no que tange aos estudos que abarcam as questões elencadas nesta obra de Brait. A edição é muito bem cuidada. A organização é zelosa. Os textos são generosos. Dessa forma o livro é de suma importância para linguistas, professores, escritores, estudiosos em geral e compositores entre outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAKHTIN M. e VOLOSHINOV, V. *Discurso na vida e discurso na arte*. Tradução acadêmica para o português de Carlos Alberto Faraco. (Mimeo, s/ data).

Valdemir Miotello  
miotello@terra.com.br

Marina Haber de Figueiredo  
marinahaber@uol.com.br

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)